

2.5 MONOGRAMMES XVI

TEO-PO

JEAN-LUC NANCY

Resumo: Pequeno fragmento sobre teologia-política que se decide com força pela separação constitutiva dos dois campos tão frequentemente confundidos. O teológico-político não passa de um erro que “prejudica o pensamento”. Verdade que as alianças entre os dois registros são flagrantes e bastante comuns. O projeto do fragmento é, justamente, de desconstruir a junção contida no epíteto “teológico-político”. Tanto a política enquanto tal quanto a teologia enquanto tal são fundadas por uma autonomia integral de cada uma.

Palavras-chave: teológico-político; teologia; política; soberania

Abstract: Small fragment about political-theology which affirms forcefully the constitutive separation between the two fields so frequently confounded. Political-theology is nothing but an error with “harms thinking”. It is true that alliances between the two registers are extremely common. The fragment’s project is, in fact, to deconstruct the junction subsumed in the epithet “political-theology”. Both politics as such and theology as such are founded by their integral autonomy.

Keywords: political-theology; politics; theology; sovereignty

Existem absurdos ou erros que não cessam de deslocar e prejudicar o pensamento. O epíteto "teológico-político" faz parte deles (assim como o substantivo homônimo). Essa palavra pretende designar, no mínimo, a aliança e, no máximo, a consubstancialidade dos dois registros assinalados por ela, o teológico e o político.

Se o que se objetiva é uma aliança, trata-se daquela que, não há muito, era mais livremente chamada (e cantada por Jean Ferrat) de "o sabre e o aspersório". Caso se queira falar de uma consubstancialidade, o que se implica é uma natureza fundamentalmente teológica da política, ou, o que daria no mesmo, o inverso. De um ou de outro modo, dizemos que a política está autorizada por uma vontade divina mais ou menos dissimulada ou que a religião tem como único objetivo dominar a coletividade.

As alianças são flagrantes, não é preciso se delongar sobre isso. Não é uma razão para se enganar, isto é, para esquecer que toda nossa tradição, teológica e política, repousa sobre a separação das duas esferas. Essa separação está, de início, no judaísmo desde o fim do reino de Israel (e a respeito disso, o atual Estado de Israel vive numa contradição interna). Ela é fundamental no cristianismo (os dois reinos) e há muito tempo é uma questão ativa para o Islã¹ (para o qual o chamado ao califado hoje é apenas uma palavra de ordem integralista).

Com frequência o "direito divino" da monarquia francesa é compreendido erroneamente como quase-teocrático, quando, na realidade, era um expediente para se desvincular da feudalidade e que, ademais, sua elaboração, tanto teológica quanto jurídica, foi muito complexa e sutil.

A própria monarquia inglesa não pode ser chamada de "teológico-política" pois ela é politicamente constitucional e religiosamente muito mais moral do que teológica. A religião civil dos Estados Unidos torna consubstancial à nação o "in God we trust" inscrito em sua moeda: essa teologia é assim uma plutologia.

Na verdade, a política se funda numa autonomia integral (soberana) da instituição de um povo que se declara tal, enquanto a teologia se funda sobre a autonomia de uma

¹ Lembremos de *L'État inachevé – La question du droit dans les pays arabes*, de Ali Mezghani, Gallimard, 2011.

interrogação a respeito do objeto nomeado “deus” em relação ao qual não se pressupõe nada mais do que seu nome. Uma não tem nada a ver com a outra.

Não podemos negligenciar essas relações elementares. De um lado, Deus não tem nada a fazer na política. De outro, e isso não é menos importante, a política não pode ignorar que ela está a cargo de tudo aquilo de que deus não se ocupa: ora, ele só se ocupa de seu próprio sentido (que ele é ou não é, e como é etc. – é isso a teologia). O sentido do mundo, ao contrário, não tem nenhum "sentido próprio"; ele se configura e se reconfigura sem cessar, sob forma de direitos, obras, ritmos, relações. A política não tem – sobretudo – que *dar* esse sentido (a não ser que ela tenha se transformado em teocracia, que não é política). Mas ela tem como tarefa abrir os acessos e permitir o exercício desse sentido: permitir que todos e cada um *se deem* seus sentidos.

Jean-Luc Nancy

p.s.: que não nos enganemos, se é preciso frisar, sobre o “Tratado teológico-político” de Espinosa, o qual trata apenas da separação dos dois; e também da "teologia política" de Carl Schmitt, que designa (erroneamente) o traçado secularizado de uma concepção (fundamentalmente política) do governo do mundo por deus por meio de sua Igreja.

Tradução: Vinícius Nicastro Honesko